

Holger, o dinamarquês

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Há na Dinamarca um velho castelo chamado Kronborg. Fica bem junto ao Øresund, por onde passam todos os dias centenas de grandes navios ingleses, russos e prussianos. Eles saúdam o velho castelo com os canhões: “Bum!” E o castelo responde também com seus canhões: “Bum!” É assim que os canhões dizem “Bom dia!” e “Muito obrigado!” No inverno não passam navios: tudo fica coberto de gelo até a terra sueca, como uma grande estrada. Ali tremulam a bandeira dinamarquesa e a sueca, e dinamarqueses e suecos dizem uns aos outros “Bom dia!” e “Muito obrigado!”, mas não com canhões: com um aperto de mão amigável. Uns vão buscar pão de trigo e rosquinhas na terra dos outros, porque a comida de fora tem mais gosto. Mas o esplendor de tudo é mesmo o velho Kronborg. É debaixo dele que Holger Danske está sentado, no porão profundo e escuro onde ninguém entra. Está vestido de ferro e aço e apoia a cabeça nos braços fortes; a longa barba se estende sobre a mesa de mármore, na qual cresceu até ficar presa. Ele dorme e sonha, mas em sonhos vê tudo o que acontece aqui em cima, na Dinamarca. Toda véspera de Natal, um anjo de Deus vem lhe dizer que é verdade o que sonhou e que pode voltar a dormir, pois a Dinamarca ainda não corre um perigo sério. Mas, se um dia correr, o velho Holger Danske se levantará, e a mesa se partirá quando ele puxar a barba para junto de si. Então sairá e dará golpes que serão ouvidos em todos os países do mundo.

Um velho avô estava contando tudo isso sobre Holger Danske ao netinho, e o menino sabia que o que o avô dizia era verdade. Enquanto contava, o velho entalhava uma grande figura de madeira. Ela devia representar Holger Danske

e ser posta na proa de um navio, pois o avô era entalhador de figuras: um desses homens que esculpem as figuras de proa dos navios, conforme o nome de cada embarcação. Ali havia entalhado Holger Danske, tão ereto e orgulhoso com a longa barba, segurando numa das mãos a larga espada de combate e apoiando a outra no brasão dinamarquês.

O velho avô contou tantas coisas sobre homens e mulheres notáveis da Dinamarca que, por fim, o netinho achou que já sabia tanto quanto Holger Danske podia saber, pois este apenas sonhava com tudo aquilo. Quando o menino foi para a cama, pensou tanto no assunto que apertou o queixo contra o edredom e imaginou ter uma longa barba que crescera presa nele.

O avô continuou sentado, trabalhando e entalhando a última parte da figura: o brasão dinamarquês. Agora estava pronto. Olhou o conjunto e pensou em tudo o que havia lido e ouvido e no que, naquela noite, contara ao menino. Meneou a cabeça, limpou os óculos, tornou a pô-los e disse: “É, no meu tempo Holger Danske provavelmente não virá. Mas o menino que está na cama talvez venha a vê-lo e participe quando chegar a hora decisiva.” O velho avô meneou a cabeça e, quanto mais olhava seu Holger Danske, mais percebia que fizera uma boa figura. Pareceu-lhe até que ela ganhava cor e que a armadura brilhava como ferro e aço. Os corações do brasão dinamarquês ficavam cada vez mais vermelhos, e os leões saltavam com coroas de ouro na cabeça.

“É o brasão mais belo que alguém possui no mundo!”, disse o velho. “Os leões são a força, e os corações são a brandura e o amor!” Olhou o leão de cima e pensou no rei Knud, que ligara a grande Inglaterra ao trono da Dinamarca. Olhou o segundo leão e pensou em Valdemar, que reunira a Dinamarca e subjugara as terras dos vendos. Olhou o terceiro leão e pensou em Margrethe, que unira a Dinamarca, a Suécia e a Noruega. Mas, quando olhou os corações

vermelhos, eles brilharam ainda mais que antes, transformaram-se em chamas que se moviam, e seu pensamento acompanhou cada uma delas.

A primeira chama o levou a uma prisão estreita e escura. Ali estava uma prisioneira, uma bela mulher, filha de Christian IV: Eleonora Ulfeldt. A chama pousou como uma rosa em seu peito e floresceu junto com seu coração, ela, a mais nobre e a melhor de todas as mulheres dinamarquesas.

“Sim, este é um coração no brasão da Dinamarca!”, disse o velho avô.

Seus pensamentos acompanharam a chama, que o levou ao mar, onde os canhões troavam e os navios estavam envoltos em fumaça. A chama se prendeu como uma faixa de condecoração ao peito de Hvitfeldt, no momento em que, para salvar a esquadra, ele fez explodir a si mesmo e a seu navio.

A terceira chama o levou às miseráveis cabanas da Groenlândia, onde o pastor Hans Egede estava com amor em palavras e atos. A chama era uma estrela em seu peito, um coração para o brasão dinamarquês.

Os pensamentos do velho avô se adiantaram à chama flutuante, pois ele sabia aonde ela iria. Na pobre sala de uma camponesa, Frederik VI escrevia seu nome a giz numa viga. A chama tremia em seu peito, tremia em seu coração. Na sala do camponês, seu coração se tornou um coração no brasão da Dinamarca. O velho avô enxugou os olhos, pois conhecera e vivera para o rei Frederik, de cabelos brancos como prata e olhos azuis sinceros. Juntou as mãos e olhou em silêncio para a frente. Então chegou sua nora e disse que era tarde, que devia descansar e que a mesa do jantar estava posta.

“Mas é uma beleza o que o senhor fez, vovô!”, disse ela. “Holger Danske e todo o nosso velho brasão! Parece que já vi esse rosto antes!”

“Não, acho que não viu!”, disse o velho avô. “Mas eu vi, e procurei entalhá-lo na madeira como me lembro dele. Foi quando os ingleses estavam ancorados ao largo, naquele dois de abril dinamarquês, quando mostramos que éramos dinamarqueses dos antigos. A bordo do ‘Danmark’, onde servi na esquadra de Steen Bille, havia um homem ao meu lado. Era como se as balas tivessem medo dele! Cantava alegremente velhas cantigas e atirava e combatia como se fosse mais que um homem. Ainda me lembro de seu rosto, mas não sei de onde veio nem para onde foi; ninguém sabe. Muitas vezes pensei que talvez fosse o próprio velho Holger Danske, que tivesse vindo nadando de Kronborg para nos ajudar na hora do perigo. Era o que eu pensava, e ali está sua figura!”

Ela projetava sua grande sombra bem alto na parede e até por parte do teto. Parecia que o verdadeiro Holger Danske estava ali atrás, pois a sombra se mexia. Mas também podia ser porque a chama da vela não ardia de modo constante. A nora beijou o velho avô e o levou até a grande poltrona diante da mesa. Ela e seu marido, que era o filho do velho avô e pai do menino deitado na cama, sentaram-se e jantaram. O velho avô falou dos leões e dos corações dinamarqueses, da força e da brandura, e explicou muito claramente que existia outra força além daquela que estava na espada. Apontou a prateleira onde havia livros velhos e todas as comédias de Holberg, tantas vezes lidas, pois eram tão divertidas que se tinha a impressão de conhecer todas aquelas personagens dos velhos tempos.

“Vejam, ele também sabia desferir golpes!”, disse o avô. “Cortou das pessoas o que tinham de errado e de anguloso, tanto quanto pôde!” O velho avô fez um aceno em direção ao espelho, onde estava o almanaque com a Torre Redonda, e disse: “Tyge Brahe também foi um dos que usaram a espada. Não para cortar carne e osso, mas para abrir um caminho mais claro entre todas as estrelas do céu! E aquele cujo pai era do meu ofício, o filho do velho entalhador, aquele que nós mesmos vimos de cabelos brancos e ombros fortes, cujo nome é

citado em todos os países do mundo! Sim, ele sabia esculpir, eu só sei entalhar! Pois Holger Danske pode vir de muitas maneiras, para que se ouça falar da força da Dinamarca em todos os países do mundo! Vamos brindar a Bertel!”

Mas o menino na cama via com clareza o velho Kronborg com o Øresund e o verdadeiro Holger Danske, sentado lá no fundo, com a barba crescida e presa na mesa de mármore, sonhando com tudo o que acontece aqui em cima. Holger Danske também sonhava com a pobre salinha onde o entalhador estava sentado; ouvia tudo o que se dizia, meneava a cabeça em sonhos e dizia:

“Sim, lembrem-se de mim, povo dinamarquês! Guardem-me no pensamento! Virei na hora da necessidade.”

Fora de Kronborg, o dia brilhava claro, e o vento trazia os sons da trompa de caça do país vizinho. Os navios passavam e saudavam: “Bum! Bum!” De Kronborg vinha a resposta: “Bum! Bum!” Mas Holger Danske não acordava, por mais forte que disparassem, pois aquilo era apenas “Bom dia!” e “Muito obrigado!” Será preciso disparar de outra maneira para que ele acorde. Mas ele há de acordar, pois há vigor em Holger Danske.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/holger-o-dinamarques>